Afortunadamente, tive a oportunidade de participar na elaboração dos termos de referência para a apresentação de propostas sobre cursos de pós-graduação destinados a profissionais dos quadros das empresas industriais, ao abrigo de uma medida do Programa 2 — Formação Profissional, do PEDIP — Programa Específico para o Desenvolvimento da Indústria Portuguesa. Digo afortunadamente por várias razões. Mas uma delas quero desde já evidenciar: a possibilidade de trabalhar em grupo, com dois Ministérios envolvidos, o da Educação e o da Indústria e Energia, sobre um tema comum, que me é tão caro, como acontece com a formação profissional de especialistas que promovam efectivamente a modernização do tecido industrial.

As áreas prioritárias abertas para este ano centram-se na gestão industrial, marketing internacional, concepção de produtos e tecnologias de informação na indústria. Os níveis contemplados correspondem a cursos de especialização, mestrados, preparação de doutoramentos e prossecução da carreira de investigação.

As propostas poderão ser apresentadas por instituições reconhecidamente competentes para o efeito, mas que agreguem a participação de empresas e associações

Pós-graduação para a Indústria

Hermínio Duarte-Ramos

industriais, de modo a intensificar a interacção universidades-empresas e a ligar pessoas de diferentes perfis em projectos comuns. Esta filosofia de integração, importada da dimensão europeia para o plano regional, vai mais longe: dá-se preferência a cursos muito bem estruturados, mesmo com a intervenção de especialistas altamente qualificados do estrangeiro, desde que isso se traduza num enriquecimento dos objectivos propostos. E estes residem essencialmente na formação superior de profissionais nas áreas prioritárias definidas, sob um ângulo directamente aplicado e dinamizador do desenvolvimento tecnológico.

Aos traços genéricos que se acabam de traçar acresce a participação financeira: os custos são praticamente todos financiados, incluindo os ordenados e encargos sociais dos formandos, docentes e apoio administrativo, equipamentos ne-

cessários e até infraestruturas básicas que garantam no futuro a realização de acções semelhantes, com a finalidade de preservar meios de formação permanente para a modernização industrial.

Tão generosa oportunidade, em contraste com as endémicas dificuldades que grassam nas estruturas universitárias, suscita óbvias vontades de entre-ajuda e cooperação. Só que a passagem à realidade não se apresenta fácil, dada a carência de estruturas de transferência e pontos de contacto com os presumíveis interessados.

Por exemplo, tenho tentado encontrar empresários que se predisponham a participar com quadros seus num curso de automação ou informática industrial e o mais que consigo é ouvir simples raciocínios de que dispensar pessoal, ainda que jovem, para frequentar um curso intensivo durante um ano provoca sempre perturbações no

serviço da empresa e custos indirectos de apreciável valia. Subentendido fica que isso de formação especializada de quadros se adia, sabe-se lá para quando.

Como não entendo este pensamento, perante a imperativa necessidade de formar profissionais competentes e sabedores, aqui estou a publicar o contra-argumento: a modernização tecnológica em Portugal é cada vez mais urgente, com a aproximação de 1993, com os acontecimentos do leste, com a eminente atracção pelos PALOP, com as mais íntimas condições de sobrevivência e até de independência. A oportunidade agora oferecida é rara, pelo seu alto impulso dinamizador, pelo fortalecimento natural da relação investigação-produção, pela generosidade do apoio à melhor qualidade, pelo enriquecimento das empresas num processo de formação multiplicador de efeitos variados e intensos.

Estou predisposto a colaborar num projecto de mestrado em automação, que seja útil às modernas empresas industriais, para além da preparação de dissertações de doutoramento. Mas sinto-me só, num país de dez milhões.

Ou será que os empresários e administradores de empresas que me lêem (neste desabafo intencional) acreditam nos benefícios de um simples contacto? ■